UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF
CAMPUS UNIVERSIDARIO DA UFF EM RIO DAS OSTRAS - CURO
INSTITUTO DE HUMANIDADES E SAÚDE - IHS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A ESTRUTURAÇÃO DO COMPLEXO DE ÉDIPO NAS FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS

LUCAS MAXIMILIANO DO PRADO TEIXEIRA
RIO DAS OSTRAS
2017

LUCAS MAXIMILIANO DO PRADO TEIXEIRA

A ESTRUTURAÇÃO DO COMPLEXO DE ÉDIPO NAS FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS

Trabalho monográfico de conclusão de curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense – Campus Universitário Rio das Ostras, como requisito parcial para obtenção de título de Psicólogo.

Orientadora: Daniela Costa Bursztyn.

Rio das Ostras
2017

Teixeira, L.M.P.

A Estruturação do Complexo de Édipo nas famílias contemporâneas.

Orientadora: Daniela Costa Bursztyn.

Trabalho monográfico de conclusão de curso (Graduação Psicologia) – Universidade Federal Fluminense. Campus Universitário de Rio das Ostras, 2017.

Referências Bibliográficas: p.

1. Complexo de Édipo. 2. Famílias contemporâneas. 3. Psicanálise Contemporânea.

Monografia – Título de Psicólogo.

LUCAS MAXIMILIANO DO PRADO TEIXEIRA

A ESTRUTURAÇÃO DO COMPLEXO DE ÉDIPO NAS FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS

Trabalho monográfico de conclusão de curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense – Campus Universitário Rio das Ostras, como requisito parcial para obtenção de título de Psicólogo.

Aprovado em 20 de Julho de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Daniela Costa Bursztyn (Orientadora)

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Profº Drº Carlos Alberto Ribeiro Costa

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Profª Drª Issa Damous

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Rio das Ostras
2017

À minha família, fonte de todo meu amparo e de minhas forças para seguir em frente e realizar meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Carmem Lúcio do Prado Teixeira, por todo o amor, apoio, carinho e paciência no meu processo de amadurecimento;

Ao meu pai, Carlos Roberto Teixeira, pelo exemplo de dedicação e perseverança diante das dificuldades da vida;

À Júlia Alves, pela companhia, parceria e suporte em todo o meu processo de formação;

Ao Pedro Terra Araruna, pelo companheirismo, ajuda e lições de vida proporcionadas;

À Thaynara Cardoso, Sara Sotte e Vitor Sotte, pela melhor experiência de acolhimento na minha jornada acadêmica;

À minha orientadora/supervisora/professora/amiga Daniela Costa Bursztyn, por toda a dedicação, ajuda e aprendizagem proporcionada;

Ao Alfredo Chama, fonte de minha inspiração e admiração dentro do meio psicanalítico;

À Roseli Ladeia, João Ladeia, Janaina Ladeia e Aline Ladeia por todo o apoio e incentivo;

À todos que fizeram parte da minha jordana dentro do curso de psicologia e que contribuíram, de alguma forma, para minha formação.

RESUMO

Este trabalho monográfico objetivou adaptar a teoria freudiana sobre o Complexo de Édipo ao contexto atual das organizações familiares. Tendo em vista que houve modificações nos modos de se organizar das famílias desde o século XIII até o século XIX, tanto em relação aos membros que fazem parte de sua composição quanto nos papeis exercidos por eles entende-se que as organizações familiares são passíveis a sofrerem modificações a partir de mudanças nos valores sociais e culturais de uma sociedade. A teoria edipiana desenvolvida por Freud trata das relações entre os pais e o filho, porém foi desenvolvida sob o contexto das famílias tradicionais do século XIX e, por isso, surgiu atendendo às organizações familiares e valores sociais vinculados à realidade da sociedade da época. Entendendo-se que, do século XIX até os dias de hoje, novas modificações vieram a surgir nos valores sociais e culturais da sociedade e, desse modo, modificações de se organizar e de relacionar entre os membros de uma família também ocorreram. Com isso, podemos pensar que o Complexo de Édipo pensado por Freud encontra novas condições para situar as atuais organizações familiares ou os valores sociais, que caracterizam os modos de se relacionar entre as pessoas de uma mesma família. Para abordar a teoria freudiana da triangulação edípica na contemporaneidade, utilizaremos dos conceitos teóricos dos psicanalistas pós-freudianos sobre o Complexo de Édipo. Com isso, discutiremos de que maneira esse conceito desenvolvido por Freud no século XIX, dentro de um contexto sócio histórico diferente do contexto atual, pode ser pensado e adaptado aos valores sociais que atravessam a configuração das famílias contemporâneas.

Palavra-chave: Complexo de Édipo; famílias contemporâneas; psicanálise.

ABSTRACT

This monographic work is aimed to adapt the Freudian theory about the Oedipus Complex to the current context of family organizations. Considering that there have been changes in the ways of organizing families from the thirteenth to the nineteenth century, both in relation to the members who are part of their range and in the roles played by them, it is understood that a family organization is liable to change from the social and cultural values of a society. The Oedipal theory developed by Freud deals with the relations between the parents and the son, but it was developed under the context of the traditional families of the nineteenth century, therefore, arised attending to families organization and social values linked to the reality of the society of the time. Understanding that, from the nineteenth century until the present day, new modifications have emerged in the social and cultural values of society and, thus, modifications of organization and relationships among the members of a family as well. With this, we can think that the Oedipus Complex thought by Freud finds new conditions to locate the present familiar organizations or the social values, that characterize the ways to relate between the people of the same family. To approach the Freudian theory of Oedipal triangulation in contemporary times, we will use the theoretical concepts of post-Freudian psychoanalysts about the Oedipus Complex. In this way, we will discuss how Freud's nineteenth-century concept, within a socio-historical context different from the present context, can be thought of and adapted to the social values that cross the configuration of contemporary families.

Keyword: Oedipus Complex; Contemporary families; Psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

CAPÍTULO 1 – ANÁLISE HISTÓRICA DA CONSTITUIÇÃO FAMILIAR EM SUA ARTICULAÇÃO COM A TEORIA FREUDIANA DA SEXUALIDADE 11
1.1 FAMÍLIA, PAPEIS E FUNÇÕES SOCIAIS 11
1.2 O TABU DA SEXUALIDADE 15
1.3 TEORIA DA SEXUALIDADE INFANTIL 17

CAPÍTULO 2 – O COMPLEXO DE ÉDIPO 21
2.1. CONSTRUÇÃO DA TEORIA EDIPIANA 21
2..2 ROMANCES FAMILIARES 27
2.3 COMPLEXO DE ÉDIPO PÓS FREUDIANO 28
2.3.1 RELAÇÕES PARENTAIS EM WINNICOTT 29
2.3.2 RELAÇÕES PARENTAIS EM LACAN 30
2.4 COMPLEXO DE ÉDIPO CONTEMPORÂNEO 32

CAPÍTULO 3 – FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS 36
3.1 CONTRIBUIÇÕES PARA NOVAS CONSTITUIÇÕES FAMILIARES 36
3.2 VINHETA CLÍNICA 40
CONCLUSÃO 41

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 43

Introdução

No decorrer do curso de psicologia e do aprofundamento sobre a teoria psicanalítica desenvolvida por Freud, foi possível conhecer de modo mais completo as várias etapas da estruturação psíquica dos indivíduos; dentre elas, o Complexo de Édipo. Tendo seu início datado por volta do fim do século XIX, a teoria edipiana foi desenvolvida dentro de um determinado contexto histórico envolvendo os valores sócio culturais da sociedade da época em que foi elaborado. O complexo edípico aborda a relação que se vem a ser construída dentro das famílias; num primeiro momento, entre a mãe e o filho e, posteriormente, entre o pai e o filho e quais as consequências dessas relações na organização psíquica de cada sujeito.

Admitindo a imprescindibilidade dessa fase na estruturação psíquica, e que a elaboração dessa teoria reflete os valores sociais e culturais da época em que se é pensado, podemos pensar que o Complexo de Édipo deve ser discutido a partir de novos arranjos teóricos e clínicos. Entendendo o trama edípico como sendo a relação que se estabelece entre o sujeito e os pais, é importante compreender sob quais referências parentais essa relação se estrutura e o papel que cada membro familiar exerce dentro dessa relação.

Os valores culturais e sociais se constroem e se reconstroem historicamente a partir dos diversos eventos e episódios que compõem a histórica de uma sociedade. Pode-se admitir que, do século XIX até os dias de hoje, diversos fatores contribuíram para as modificações dos valores sociais sobre a sexualidade. As configurações familiares, por exemplo, já não são as mesmas em relação àquelas que compunham o quadro social do século XIX, tanto no sentido de sua composição parental quanto no sentido dos papéis exercidos por cada um.

Por envolver os valores sociais e culturais na sua elaboração, entende-se que o Complexo de Édipo encontra novas condições no cenário da sociedade atual; devendo ser adaptado às definições familiares e aos valores sócio culturais que estão em jogo. O crescente número de separação entre casais, envolvimento dos pais com outros conjugues, crescente número de casais homoafetivos, o movimento feminista, entre outras transformações culturais os diferentes papeis que cada indivíduo exerce dentro de uma família. Com efeito, essa nova realidade social exige repensar os modos como as relações entre pais e filhos se constroem filho e os pais se constroem.

Para discutir o Complexo de Édipo nesse cenário atual, propõem-se investigar a relação entre a sequência de fatos históricos e a estruturação de novas configurações familiares – tanto

no sentido de sua organização quando na sua funcionalidade. Tal percurso histórico é considerado necessário para que se possa compreender o contexto em que Freud desenvolveu a teoria edipiana para que assim possamos utilizar seus conceitos teóricos adaptando-os aos modos contemporâneos de organizações familiares.

Diante da importância da clínica psicanalítica e da eficácia de sua prática na vida dos sujeitos que vivenciam essa experiência, entende-se ser de sua importância que a teoria utilizada para tal processo consiga englobar o contexto de vida do sujeito. Por estarmos inseridos num outro contexto e com moldes familiares diferentes dos moldes do século XIX – que foram as referências utilizadas por Freud para desenvolver a teoria edípica – é necessário estabelecer novas condições para que o Complexo de Édipo considere esses novos moldes familiares. A metodologia utilizada para a produção do trabalho será a revisão bibliográfica, sendo consultadas as obras de psicanalistas pós-freudianos renomados, tendo como condutor os estudos freudianos que abordam a teoria do Édipo. Além destes, serão exploradas as contribuições de psicanalistas contemporâneos e de pensadores que apresentam uma análise sobre os moldes de constituição familiar que foram se modificando no decorrer dos séculos.

Inicialmente, será apresentada uma análise genealógica das construções sócio culturais, no decorrer dos anos, que tiveram importante influencia na maneira de se entender e de se definir "família" a partir do século XIII até o século XIX. Analisaremos, num segundo momento, o modo como Freud desenvolveu o Complexo de Édipo atentando-se para as relações entre os componentes da família do contexto histórico do século XIX, a saber, a família nuclear: pai, mãe e filho(s). Discutiremos, assim, o que está em jogo no plano das relações entre os componentes da triangulação edípica para compreender as funções que cada um exercer para que possamos, desse modo, discutir a teoria freudiana em questão aos modos contemporâneos de organização familiar.

Entenderemos, posteriormente, quais foram os principais e mais importantes fatores que ocorreram nos últimos anos e que contribuíram para que modificações nos valores sociais e culturais ocorressem e que, a partir de tais modificações, resultaram na modificação dos modos de organização familiar. Por fim, analisaremos um caso clínico atendido no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade Federal Fluminense (UFF)-Campus de Rio das Ostras que servirá para ilustrar de que modo podemos entender a teoria edipiana escrita por Freud nos modos de organização das famílias contemporâneas.

Capítulo 01

Análise Histórica da Constituição Familiar em sua articulação com a Teoria Freudiana da Sexualidade

1.1 Família, Papeis e Funções Sociais

Com base na leitura do texto "*Nietzsche, a genealogia e a história"* de Foucault (1979/2004), é possível se fazer uma crítica ao modo de se olhar e se pensar a História; deixa-se de lado a ideia de que ela é constituída a partir da simples sucessão de fatos e que carrega consigo uma ordem cronológica com uma origem ou essência exata. Assim, pode-se pensar a História como sendo a junção de uma série de características de diferentes acontecimentos que são responsáveis por moldar a constituição das peculiaridades que marcam determinado contexto histórico. A esse processo Foucault (1979/2004, p. 15-16) da o nome de genealogia:

> A genealogia exige, portanto, a minucia do saber, um grande número de materiais acumulados, exige paciência. Ela deve construir seus "monumentos ciclópicos" não a golpes de "grandes erros benfazejos" mas de "pequenas verdades inaparentes estabelecidas por um método severo". Em suma, uma certa obstinação na erudição. A genealogia não se opõe à história como a visão altiva e profunda do filósofo ao olhar de toupeira do cientista; ela se opõe, ao contrário, ao desdobramento meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teologias. Ela se opõe à pesquisa da "origem".

Essas características dos diferentes acontecimentos que participam da construção de determinado contexto histórico são chamadas por Foucault de proveniências e elas assumem a importante tarefa de atuar como pilares ou suportes da construção dos diferentes contextos históricos que compõem a História. O autor atribui às proveniências a possibilidade de, ao analisá-las, compreender melhor de que modo as relações entre os diferentes fatos que se deram no decorrer dos anos culminam para a determinação das marcas peculiares de cada momento em que se olha na história.

Cada momento histórico apresentará marcas peculiares, singularidades específicas que atuam como forças que moldam e que constroem as características de um momento histórico; Foucault (1979/2004) chama essas forças de proveniências. Essas diferentes forças estão em combate entre si; cada um visa sobrepor-se sobre a outra, entretanto, a resultado da luta entre

essas diferentes proveniências não determina a sobreposição de uma sobre a outra, mas sim a adição de cada singularidade e características que essas forças representam. Emerge do resultado da luta de tais forças as características que moldam e definem determinado momento histórico: essa emergência *"[...] é, portanto, a entrada em cena das forças; é sua interrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores do teatro, cada uma com seu vigor e sua própria juventude."* (FOUCAULT, 1979/2004, p. 24).

Entretanto, o surgimento de uma emergência não deve ser entendido como um fim, mas como um momento de destaque das forças em jogo no contexto histórico em questão e que elas podem, num outro momento, representar apenas uma força atuante num outro contexto. Como assinala Foucault (1976/2004, p. 23):

> [...] emergência, o ponto de surgimento. É o princípio de lei singular de um aparecimento. Do mesmo modo que se tenta muito frequentemente procurar a proveniência em uma continuidade sem interrupção, também seria errado dar conta da emergência pelo termo final.

Assim, a partir da ideia de que a história não deve ser vista como algo dado, com uma origem específica, mas deve ser analisada a partir de um resultado emergente da luta entre diferentes forças que compõem um determinado contexto histórico em questão conclui-se que podemos questionar os modos de estruturação familiares atentando-se para quais determinantes, no decorrer dos anos, foram responsáveis por definir os moldes do que se é considerado família. As relações familiares, assim como diversos outros pontos de uma sociedade, não se apresentam como um ponto estático; são fruto de uma série de fatores que são responsáveis por influenciar suas constituições.

Ao entendermos que os moldes familiares são consequências de determinantes que são no decorrer dos anos e por isso não são algo pré-determinado, somos levados a considerar que ela nem sempre foi definida a partir de uma constituição "tradicional": pai, mãe e filho(s), mas que foi se definindo por diferentes moldes e representações em diferentes momentos históricos. Segundo Àries (1981), as representações familiares nas pinturas e em outras obras de arte carregavam necessidade de representação familiar, porém, ainda constavam com a ausência das crianças. *"A rua já era um tema familiar da iconografia medieval: ela se anima com uma vida particularmente expressiva nas admiráveis vistas das pontes de Paris da Vida de São Denis, um manuscrito do século XIII."* (ÀRIES, 1975/1981, p. 133).

Outro ponto importante a se destacar, refere-se ao papel que cada componente vem a exercer dentro dessas relações familiares e à função que cada indivíduo adota em relação à um outro componente de sua respectiva "família". Papeis que, num olhar mais amplo, não se limitam apenas às relações entre os indivíduos de uma mesma casa ou de um mesmo bairro, mas que refletem valores culturais e papeis sociais adotados em uma sociedade que regem o modo de se comportar e quais condutas deve-se ou não adotar.

Os papeis sociais e funções que cada indivíduo adota na sua própria família determinam um valor individual – de modo que um de seus membros pode vir a ser considerado mais importante dentro da sociedade do que os outros componentes dela. Essa posição de maior importância, tanto para a família quanto para a sociedade em geral, foi se vinculando à imagem paterna, vinculada ao homem, ou seja, ao sexo masculino. Apesar de, no decorrer do século X até o século XII, segundo Àries (1975/1981, p. 144), um homem e mulher, marido e esposa, eram responsáveis cada um por seus bens, esse quadro sofre marcante alteração ao longo do século XIII. Assim, de acordo com o mesmo autor:

> [...] o estreitamento das solidariedades de linhagem e o abandono das indivisões patrimoniais. A família Conjugal tornou-se novamente independente. Contudo, a classe nobre não voltou à família de laços frouxos do século X. O pai manteve ou até mesmo aumentou a autoridade que, nos séculos, XI e XII, lhe havia sido conferida pela necessidade de manter a integridade do patrimônio indiviso. Sabemos, por outro lado, que, a partir do fim da Idade Média, a capacidade da mulher entrou em declínio.

Àries aponta para a temática familiar ao destacar as representações do prolongamento da vida privada e do contexto familiar existente no cenário do trabalho nas obras de arte da época; a temática familiar era abordada nos ambientes externos às casas e não a representada pela vida privada dos indivíduos da época[1]. No contexto do século XV e início do século XVI a colocação da superioridade paterna em relação à mulher é apresentada, segundo Àries (1975/1981), por meio da modificação da iconografia tradicional que passava a representar o homem no meio do plano como o chefe da família sob a mesma influência em que a autoridade paterna aumentava.

A partir do século XVI, as crianças começam a aparecer com frequência nas representações iconográficas da época: *"[...] algumas servem à mesa nos banquetes de janeiro. Percebemo-las também no mercado do livro de horas de Aldelaïde de Savoice; nesse mesmo*

[1] O autor especula que a vida privada, nesse momento histórico, se passasse mais constantemente na rua do que na própria casa dos indivíduos.

[2] O termo "*tabu*" aqui empregado contém o mesmo significado de proibição que será usado por Freud em "Totem e

manuscrito, elas brincam de jogar bolas de neve [...]". (ÀRIES, 1975/1981, p. 134). Assim, essas novas representações do cotidiano que incluíam agora a criança junto aos demais participantes das obras vêm a se tornar, ao longo do século XVI, uma iconografia da família. Segundo o autor, a representação das idades da vida é um símbolo de uma outra alegoria tradicional que torna as imagens um ícone familiar. Em algumas obras citadas por Àries, as representações familiares contavam com a distinção das fases da vida – três idades da vida, como o autor especifica – em que eram marcadas. *"[...] sob a forma de uma criança, alguns adolescentes – em geral um casal – e um velho."* (ÀRIES, 1975/1981, p. 135).

A representação da constituição familiar nas obras de arte desse contexto histórico conta com outro componente além da inserção da criança no cotidiano: a representação do noivado. Pinturas com jovens mulheres vestidas com trajes de cerimônia e, em outros casos, a própria representação do casamento em que os conjugues aparecem deitados nus no leito nupcial. Há também a imagem do casal com a presença de uma criança, fruto do casamento, em pose para um retrato da reunião familiar.

Essa imagem familiar se mantém ao longo do século XVI, porém, na segunda metade do mesmo século, nota-se que a família sofre algumas alterações devido à participação de outro componente em seu cotidiano. Conforme sita Àries (1975/1981, p. 136), algumas obras mostram a participação de outros membros além da mãe, pai e a criança:

> [...] a família está reunida num retrato, como na gravura contemporânea do *Le Grand Propriètaire*, mas com um detalhe adicional que tem sua importância: a presença dos criados ao lado dos pais. O pai e a mãe estão no meio. O pai dá a mão ao filho, e a mãe à filha. O criado esta do lado dos homens, e a criada ao lado das mulheres, pois os dois sexos são separados como nos retratos de doadores: os homens, pais e filhos, de um lado, e as mulheres, mães e filhas, de outro. Os criados fazem parte da família.

A partir da segunda metade do século XVI até o século XIX, as representações familiares nas pinturas se tornam cada vez mais frequentes. Interessante ressaltar que tais representações, diferentes das obras feitas por volta do século XIII, deixam de estar inseridas no ambientes externo – ruas, mercados ou cenários da cidade – e passam a ser colocadas num contexto diferente, mais privado. Com isto, as famílias passam a ser representadas dentro de suas próprias residências ou na casa de parentes; sendo estas representações que destacam, também, as diferenças entre as funções que cada membro carrega no lar: o pai, mantendo sua autoridade, é representado por um homem fazendo contas enquanto cabe à mãe cuidar da filha pequena.

Em outra pintura, essa "diferença funcional" também se manifesta ao ser representado: *"[...] homens em torno da lareira, uma mulher tirando um caldeirão do fogo, uma menina dando de comer ao irmãozinho."* (ÀRIES, 1975/1981, p. 141). Evidencia-se o direcionamento das tarefas domésticas e os cuidados dos filhos à mulher: *"[...] a mãe vigiando a criança no berço, a mãe amamentando a criança, a mulher fazendo o toalete da criança, a mãe catando piolho na cabeça da criança [...]."* (ÀRIES, 1975/1981, p. 142).

A família, desde que começa a ser focada e inserida na temática das obras de arte no decorrer dos séculos, vai apresentando diversificadas configurações contando com diferentes componentes, como temos apontado. No século XVII, por exemplo, a família conta com novos personagens: aqui, a família não é definida apenas pelo pai, mãe, filho e criados, como na metade do século XVI, mas *"[...] compreendia, entre os membros que residiam juntos, vários elementos, e, às vezes, vários casais, que vivia numa propriedade [...] agrupava em torno dos pais os filhos que não tinham bens próprios e os sobrinhos ou primos solteiros."* (ÀRIES, 1975/1981, p. 143). Ainda se vê presente aqui a representação da ideologia de estarem direcionado à mulher os serviços domésticos: *"A mãe serve o pai e a duas crianças que estão de pé [...]".* (ÀRIES, 1975/1981, p. 150).

Após o século XVII a estrutura familiar continua a sofrer alterações e novos rearranjos são feitos nos modos de se definir como uma família é composta e como ela se organiza. O fator determinante para que as organizações familiares passassem a ser feitas a partir de outra referência foi a proibição de um tema por ordem da igreja católica – detentora do poder de determinar os valores que seriam ou não adotados na sociedade – que influenciou diretamente o modo de se relacionar entre os indivíduos da sociedade: a sexualidade.

1.2 O tabu da sexualidade

O tema da sexualidade, a partir do século XVII, promove uma importante mudança na estrutura familiar que refletirá nas organizações familiares do século XIX ao ser tratado como algo que não deve ser pronunciado, discutido ou abordado, ou seja, um tabu[2]. Proibição que surge, nesse contexto, dos prazeres vinculados ao corpo, tal como a masturbação considerada

[2] O termo "*tabu*" aqui empregado contém o mesmo significado de proibição que será usado por Freud em "Totem e tabu" (1913-1914).

como pecado e como conduta que não poderia estar presente no comportamento dos indivíduos. Assim, Foucault (1975/2002) assinala que *"a forma primeira do pecado contra a carne é ter tido contato consigo mesmo: é ter-se tocado, é a masturbação."* A tentativa de controle dessa prática se manifesta em diversas instancias e através de diversos meios como, por exemplo, nos estabelecimentos de ensino, nas escolas e colégios.

Esse controle, vinculado aos valores cristãos com forte influencia nas imposições feitas sobre os processos de formação de valores culturais nas sociedades, busca ser alcançado nos estabelecimentos de formação escolar cristã, estabelecendo arquiteturas, disposições dos lugares, organizações dos dormitórios que possibilitam a vigilância. Nessa perspectiva, o controle passa a ser efetivo quantos mais vigoroso for o policiamento do corpo. Além disso, a disseminação de uma literatura que aborda a questão da sexualidade: livros, panfletos que investem numa campanha "anti-masturbatória" que funcionavam como manuais direcionados aos pais ensinando-lhes qual a maneira de impedir as crianças de se masturbarem.

No mesmo contexto, no movimento de "cruzada anti-masturbatória" (FOUCAULT, 1975/2002, p. 311) ocorre uma mudança nos modos de se estruturarem e organizarem as configurações familiares:

> [...] uma nova organização, uma nova física do espaço familiar: eliminação de todos os intermediários, supressão, se possível, da criadagem domestica, em todo caso vigilância estreita dos empregados domésticos, a solução ideal sendo precisamente a criança sozinha, num espaço familiar sexualmente asséptico.

Percebe-se, até aqui, que as composições familiares, no que diz respeito à sua constituição e seus componentes, sofrem diversas modificações e se apresentam de diferentes formas no decorrer dos anos. Das diversas proveniências que fizeram emergir novas estruturas e configurações familiares *"[...] a sexualidade perseguida e proibida da criança é, de certa forma, a consequência da formação da família restrita, digamos conjugal ou parental, do século XIX."* (FOUCAULT, 1975/2002, P. 315).

De acordo com essas referências, podemos considerar que as pequenas mudanças que se dão cotidianamente no modo de agir, pensar, falar e de se implicar nas relações familiares produzem grandes mudanças nos modos de organização de uma sociedade. Tais mudanças repercutem no modo de expressão de uma cultura e no modo de organização socioeconômica de

modo contínuo. No que diz respeito à família, é notável a configuração de novas estruturas e novos rearranjos familiares que foram sendo estabelecidos após o século XIX. Dentro dessas estruturas, podemos apontar, por exemplo, componentes diferenciados do modelo familiar do século XIX centrado na triangulação "mãe, pai e filho" para o surgimento de novos componentes e rearranjos parentais.

Nesse contexto da impossibilidade da discussão do tema da sexualidade Freud, trabalhando em conjunto com Charcot, se empenhava em tratar de pacientes que sofriam de doenças nervosas; a histeria. Freud (1925/1996) utilizava da metodologia hipnótica para tratar as pacientes histéricas pois apostava na ideia de que caso fosse rememorado à origem do sintoma histérico ele poderia ser eliminado. Após o contínuo trabalho com as pacientes histéricas, Freud foi se dando conta de que a origem dos sintomas se dava por conta de traumas vivenciados na infância e que tinham cunho sexual; ele passou, então, a desenvolver a teoria da sexualidade infantil.

1.3 Teoria psicanalítica da sexualidade infantil

A psicanálise, no decorrer do seu desenvolvimento, sofreu várias alterações teórico-clínicas desde a descoberta do inconsciente à disseminação de sua prática. No entanto, o princípio etiológico da associação dos traumas vivenciados à uma experiência de cunho sexual se mantem como determinando na clínica das neuroses: *"[...] a origem das forças impulsionadores da neurose está na vida sexual."* (FREUD, 1914/1996, p. 23). O fenômeno "transferência", que marca a relação estabelecida entre analista e analisando como propulsora da experiência clínica, já demarca a proposição freudiana sobre a origem das forças de cunho sexual atuantes na neurose.

Se retornarmos aos primórdios do pensamento psicanalítico, podemos identificar no processo de investigação sobre a origem dos sintomas, o esforço incessante de Freud de acesso à experiência traumática: incialmente, através da hipnose, posteriormente, sendo abandonada e substituída pela associação livre. Acreditava-se que essa "busca" pela cena traumática conduziria às memórias da puberdade do sujeito analisado alcançando as lembranças mais remotas. No

entanto, Freud (1914/1996, p. 20-21) reconhece que tais cenas traumáticas originárias dos sintomas neuróticos da vida adulta foram vivenciadas na infância.

> Esta regressão nos foi conduzindo cada vez mais para trás; a princípio parecia nos levar regularmente até a puberdade; em seguida, fracassos e pontos que continuavam inexplicáveis levaram o trabalho analítico ainda mais para trás, até os anos da infância que até então permaneciam inacessíveis a qualquer espécie de exploração.

Para defender tal hipótese, Freud apresenta "Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905/1996) para tratar o tema da sexualidade infantil demarcando suas primeiras manifestações e desdobramentos na vida adulta. No contexto histórico em que Freud desenvolveu a teoria da sexualidade, havia uma forte negação social acerca da existência da sexualidade nos anos iniciais da vida, acreditando-se que ela viria a se despertar apenas na puberdade. Entretanto, Freud (1905/1996, p. 163), afirmava:

> [...] esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves consequências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual. Um estudo aprofundado das manifestações sexuais da infância provavelmente nos revelaria os traços essenciais da pulsão sexual, desvendaria sua evolução e nos permitiria ver como se compõe a partir de diversas fontes.

Convém ressaltar, que o sentido atribuído por Freud ao termo "sexualidade" era comumente confundido com a ideia de ato sexual ou coito e, por isso, não foi bem recebida pela sociedade devido a forte proibição de se abordar assuntos e temas que falassem ou abordassem a sexualidade e. Porém, ao escrever sua obra, Freud se apropria desse termo designando-o como estatuto conceitual e determina que *"[...] o sexual não coincide com o genital."* (MIGUELEZ, 2012, p. 41), mas sim com as experiências prazerosas causadas pela estimulação das zonas erógenas.

Freud (1905) denomina zonas erógenas como sendo uma parte do corpo, pele ou mucosa que sofreram estimulações[3] provocando sensações de prazer no corpo. Num primeiro momento de sua teoria sobre a sexualidade infantil, Freud considera que sua origem se dava pela ação de alguns fatores que faziam parte da vida da criança nos seus anos iniciais de vida. Entre esses

[3] Sobre essas estimulações, Freud diz serem desconhecidas as condições em que devem ser aplicadas, mas usa o caráter rítmico como exemplo.

fatores, podem ser apontadas as experiências de prazer, ou sensações prazerosas causadas no indivíduo a partir da estimulação dessas regiões do corpo nomeadas como "zonas erógenas".

Algumas regiões do corpo sofrem estímulos que proporcionam prazer, atuando assim como zonas erógenas, por uma necessidade, num primeiro momento, de serem estimuladas com o intuito de preservação de vida. Freud (1905) exemplifica essa necessidade da estimulação de uma região do corpo para a preservação de vida abordando as crianças no período de lactância[4] que, devido à necessidade de se alimentar, executam a sucção com a boca do seio materno e, desse modo, se é obtido o leite; experiência que sacia a criança e proporciona sensação de prazer. *"Quem já viu uma criança saciada recuar do peito e cair no sono, com as faces coradas e um sorriso beatífico, há de dizer a si mesmo que essa imagem persiste também como norma da expressão da satisfação sexual em épocas posteriores da vida."* (FREUD, 1905/1996, p. 171).

As estimulações das zonas erógenas causadas pela necessidade de preservação da vida (amamentação, por exemplo) e os contatos acidentais rotineiros ou por necessidades de limpeza (limpeza da região genital, por exemplo) proporcionam sensações prazerosas. Essas sensações, no decorrer do desenvolvimento da criança, passam a ser desvinculadas das necessidades de preservação e passam a ser reproduzidas pela criança de modo autônomo e intencional. Seja pela sucção repetitiva de alguma parte do corpo com a boca ou de algum objeto externo ou pela estimulação dos órgãos genitais e da região genital, a criança busca reproduzir o prazer sentido naquelas regiões estimulando seu próprio corpo. De acordo com Freud (1905/1996, p. 171), essa satisfação obtida através da estimulação das zonas do próprio corpo da criança é chamada de satisfação auto erótica.

> A necessidade de repetir a satisfação sexual dissocia-se então da necessidade de absorção de alimento – uma separação que se torna inevitável quando aparecem os dentes e o alimento já não é exclusivamente ingerido por sucção, mas é também mastigado. A criança não se serve de um objeto externo para sugar, mas prefere uma parte de sua própria pele, porque isso lhe é mais cômodo, porque a torna independente do mundo externo [...]. (FREUD, 1905/1996, p. 171).

Além da excitação causada pelos estímulos das zonas erógenos, seja por uma necessidade de preservação do indivíduo ou pelos estímulos auto eróticos após a criança desvincular as sensações prazerosas da necessidade de preservação de vida, outra manifestação da sexualidade infantil e que envolve outras pessoas como objeto sexual são as "pulsões parciais". Por pulsão,

[4] À esse estágio do desenvolvimento psicossexual, Freud dá o nome de fase oral.

Freud (1905/1996, p. 180-181) define como sendo uma estimulação endossomática constante que é representada psiquicamente e que vem a exercer um "impulso" interno que direciona um determinado comportamento. As pulsões parciais – que envolvem outras pessoas como objetos sexuais e se manifestam com independência das zonas erógenas – representam outro "componente" da sexualidade infantil.

> [...] devemos admitir que também a vida sexual infantil, apesar da dominação preponderante das zonas erógenas, exibe componentes que desde o início envolvem outras pessoas como objetos sexuais. Dessa natureza são as pulsões do prazer de olhar e de exibir, bem como a de crueldade, que aparecem com certa independência das zonas erógenas e só mais tarde entram em relações estreitas com a vida genital, mas que já na infância se fazem notar como aspirações autônomas, inicialmente separadas da atividade sexual erógena.

As pulsões parciais também fazem parte da composição da sexualidade infantil e se manifestam de forma autônoma, inicialmente separadas da atividade sexual erógena e que, apesar da sexualidade infantil ser marcada pela dominação preponderante das zonas erógenas, as pulsões parciais envolvem outras pessoas como objetos sexuais. Entre as pulsões parciais, *"as pulsões do prazer de olhar e de exibir, bem como a de crueldade [...] mostra uma satisfação inequívoca no desnudamento do corpo, com ênfase especial nas partes sexuais."* (FREUD, 1905/1996, p. 180-181) Em geral, os comportamentos vinculados à ação dessas pulsões parciais são comportamentos endereçados à um outro por parte das crianças, dentre tais comportamentos, o voyeurismo, exibicionismo, sadismo ou masoquismo.

Os comportamentos vinculados às ações das pulsões parciais, que são endereçados à um outro, envolvendo o outro como um objeto sexual da criança, podem ser vistos como um investimento por parte da criança à esse outro e que representa a relação que virá a ser estabelecida entre a criança e seu objeto sexual. Objeto esse que está presente cotidianamente na vida da criança e que cuida dela – amamenta, limpa, fornece carinho – e que podemos entender que estabelece uma relação de investimento na criança. Esses primeiros vínculos que a criança vem a estabelecer com o outro foram designados por Freud como a fase imprescindível para a estruturação psíquica do sujeito: o Complexo de Édipo.

Capítulo 02
Complexo de Édipo e Teorias Psicanalíticas

2.1. Construção da teoria edipiana

O Complexo de Édipo é um processo de grande importância no desenvolvimento do psiquismo dos indivíduos, responsável por exercer a função estruturante do aparelho psíquico. Sua elaboração se deu no decorrer do próprio desenvolvimento da psicanálise e foi se modificando e complementando à medida que Freud fazia novas descobertas sobre o funcionamento psíquico. A partir da análise clínica de seus casos, foi possível entender melhor como se dava a trama edípica: quando começa; quem está envolvido; que funções as pessoas envolvidas exercem; seus desfechos e suas consequências para a constituição subjetiva.

É possível nos primeiros estudos freudianos, e até mesmo nas cartas que escrevia para seus correspondentes, a citação de termos, expressões, contextos e relações que já apontavam para a teoria do Complexo de Édipo, embora tratados por outras nomenclaturas. Segundo Miguelez (2012), nas cartas 64, 69 e 71, aparecem os primeiros "traços" identificatórios do que viria a ser, mais tarde, o Complexo de Édipo. Nessas correspondências de Freud a Fliess aparecem temas como a rivalidade entre os filhos e os pais como, por exemplo, *"[...] desejo de seus pacientes relativos à morte dos pais [...]"*. (MIGUELEZ, 2012, p. 31).

Tais cartas citavam, ainda, o "jogo de sedução" existente entre os pais e os filhos que, num primeiro momento, acreditava-se que os pais seduziam as crianças, porém, Freud começa a questionar se a sedução em jogo não partia das crianças direcionadas ao pais, mas às suas próprias fantasias sexuais.

Do mesmo modo, a ideia sobre a rivalidade quem vem a se estabelecer entre os filhos e os pais volta a aparecer em outras publicações como, por exemplo, *"A interpretação dos sonhos"* (1900) onde é abordada a temática dos sonhos sobre a morte dos entes queridos. Ao se desejar a morte de pessoas queridas, a relação de amor e ódio é revelada junto ao sentimento de dor e angústia daquele que sonha. Sobre esse desejo de morte em relação a uma pessoa próxima, Freud

(1900) defende a ideia de que são desejos originados na primeira infância, ou seja, desejos sexuais infantis que foram recalcados no decorrer do desenvolvimento subjetivo.

Os desejos sexuais infantis aparecem com uma preferência sexual, cuja preferência do menino é a mãe e a preferência da menina é o pai e, com isto, o progenitor do mesmo sexo se torna o rival que compete com o amor do progenitor do sexo oposto. Desse modo, o menino vê o pai como rival que dificulta sua relação amorosa com a mãe e a menina vê a mãe como rival que dificulta sua relação amorosa com o pai. Freud (apud MIGUELEZ, 2012, p. 36-37) ressalta também que essa preferência sexual aparece também nos pais em relação aos filhos, onde

> Mas a mesma preferência sexual existe nos pais, e não só na criança, de modo que um "impulso natural" se dirige do pai à menina, e da mãe ao menino. Assim, quando a criança escolhe um objeto de desejo o progenitor do outro sexo, "cede à sua própria pulsão sexual, renovando, ao mesmo tempo, a incitação que veios dos pais".

Em suas teorias sobre a sexualidade infantil, Freud aponta para o caráter incestuoso considerando que o primeiro objeto sexual desejado pela criança é a mãe. Este primeiro objeto sexual proporciona para a criança uma satisfação prazerosa que podem ser reproduzidos autoeroticamente ou podem ser conservados. Além do prazer mediante a estimulação da zona erógena oral, a mãe satisfaz a criança com investimentos amorosos ao amamenta-la. A relação com o objeto amoroso é utilizado como base de investimento libidinal, do qual deriva a projeção da criança para quem cuida dela.

O caráter incestuoso da sexualidade infantil ao determinar o seio materno como primeiro objeto sexual e, no decorrer do desenvolvimento da criança, usar da relação com tal objeto como base para as relações amorosas tem, como destino, ser barrado. Por exigências culturais e sociais, tais desejos sexuais pela mãe serão recalcados por imposições da norma social que impossibilita que tal desejo sexual seja concretizado.

Tal impedimento da concretização de um desejo sexual da criança de cunho incestuoso será trabalhado na obra *"Totem e Tabu"* (1913). Nesse artigo, Freud analisa elementos de culturas primitivas que apresentam o "horror ao incesto" em seu estabelecimento de restrições sobre as pulsões sexuais.[5]. Miguelez (2012) ressalta que, apesar de tais desejos serem proibidos e

[5] Proibições que determinam, como punição, a própria morte a quem desobedecer e cometer incesto.

condenados socialmente, estes ainda existem e atuam no inconsciente e que o confronto entre tais desejos e as proibições[6] determina a formação das neuroses.

Nessa mesma obra, além do tema do incesto e da proibição que a sociedade impõe sobre os desejos sexuais incestuosos, outro tema é abordado e trabalhado a partir da análise dos povos primitivos: o parricídio. Nas civilizações australianas existe um totem, ou seja, um animal que é considerado um antepassado da tribo e é responsável por protegê-la e, uma segunda proibição – além do tabu, ou seja, do incesto – é matar ou comer tal animal. Este animal, um macho poderoso, é responsável por proteger as mulheres da tribo e suas crias: é amado e admirado, porém é, ao mesmo tempo, odiado e temido e, por isso, desperta rivalidade entre os outros machos da tribo.

Freud compara o totem ao pai que, ao mesmo tempo em que é amado e admirado, é odiado e temido uma vez que a mãe – objeto de amor da criança – "pertence" a ele, tornando-se assim rival da criança. Freud (1913/1996) compara os machos das tribos australianas – que se tornam competidores de tal animal totêmico e o matam e o devoram para ocupar seu lugar e o devoram para se identificar com ele – às crianças que veem seu pai como rival e disputam o amor da mãe com ele.

Tal amor que a criança vem a apresentar pela mãe – na configuração de um investimento nesta – é mais bem trabalhado na obra *"Introdução ao narcisismo"* (1914) onde ocorre "[...] uma reviravolta na teoria pulsional." (MIGUELEZ, 2012, p. 63). Como vimos nos *"Três ensaios para uma teoria da sexualidade"* (1905), a sexualidade infantil se dá, num primeiro momento, por uma prática autoerótica onde a criança reproduz as estimulações das zonas erógenas a fim de obter uma sensação satisfatória já vivenciada. No texto sobre o narcisismo Freud trabalha melhor a passagem de investir no próprio corpo uma pulsão libidinal para o investimento num objeto externo ao corpo.

No texto em questão, Freud elabora como se dá o processo de direcionamento da pulsão sexual aos objetos externos e destaca dois possíveis processos: no primeiro, diferente do que era dito nos três ensaios, tal direcionamento não se dá por um processo da "Natureza", mas sim a partir da relação que vai se estabelecendo entre a criança e aqueles que pioneiramente fornecem cuidado, nutrição e proteção à criança – tarefa, habitualmente, realizada pelos pais.[7] No segundo

[6] Tabus, por Freud chamado.
[7] Miguelez (2012) destaca que cabe à mãe a tarefa de nutrir e ao pai a tarefa de proteger.

possível processo de direcionamento dos investimentos pulsionais das crianças os objetos não são estabelecidos a partir da relação estabelecida entre objeto e criança (mãe que nutre e pai que protege), mas sim segundo um modelo do próprio indivíduo.

Importante ressaltar que, num primeiro momento, Freud estabelece uma distinção entre os processos que se dão tanto pela escolha do objeto externo de investimento pulsional nos homens e nas mulheres. O primeiro processo é mais comum com os meninos sendo que, assim, eles amam seus objetos e, o segundo processor é mais comum com as meninas e isso determina que elas sejam amadas por seus objetos.

O texto sobre o narcisismo aborda outro tema que possui grande importância para o entendimento de como se dá o Complexo de Édipo quais as consequências dele na vida adulta. Esse tema trata da posição que a criança é colocada pelos pais que é característica por não ser estabelecidos limites; momentos esse da vida da criança em que, segundo Freud (1914/1996, p. 98), há grande sensação de onipotência.

> A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação – 'Sua Majestade o Bebê', como outrora nós mesmos nos imaginávamos. A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram – o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe.

Essa sensação de onipotência é gradativamente perdida à medida que o bebê cresce e se desenvolve e, assim, passa a enfrentar as faltas e perdas da vida; fome, frio, doença e passa a experimentar a renúncia ao prazer e restringir suas vontades. Entre as perdas, Freud especifica a perda dos primeiros objetos que a criança investe pulsionalmente, ou seja, os pais. Essa perda não necessariamente se dá pela morte ou perda de tais objetos, mas pela "[...] renúncia aos desejos sexuais ligados a eles [...]". (MIGUELEZ, 2012, p. 65).

Em *"Luto e melancolia"* (1917/1996), Freud disserta sobre a perda dos objetos libidinalmente investidos e quais as consequências de tal perda: ocorre a regressão da libido que inicialmente estava investida em tais objetos ao próprio indivíduo; ao seu próprio ego. Esse processo de regressão da libido que estava sendo investida, ao ser incorporada pelo indivíduo,

promova certa identificação do sujeito com o objeto perdido. Esse conceito será trabalhado em obras futuras por Freud e terá importante papel na elaboração da teoria edipiana.

Em *"Conferências de introdução à psicanálise"* (1916/1996) Freud já apresenta um modelo do Complexo de Édipo retomando os princípios trabalhados em textos e artigos anteriores como, por exemplo, os desejos incestuosos que as crianças apresentam em relação aos pais, assim como os desejos hostis. Além disso, trata de um Édipo "positivo", heterossexual[8] onde existe um paralelismo entre a triangulação edípica do menino e da menina; o menino deseja a mãe e vê o pai como rival enquanto a menina deseja o pai e vê a mãe como rival.

Destacam-se importantes pontos em *"Da história de uma neurose infantil"* (1918/1996), onde Freud estabelece a não naturalidade das posições masculinas e femininas como se acreditava antes. Tais posições passam a ser designadas ao sujeito a partir do processo de identificação com o os progenitores que ele passa e volta a investir na ideia de que exista uma bissexualidade inerente ao ser humano sendo que tal identificação será a origem da evolução sexual.

Até esse ponto, o Complexo de Édipo era visto como o responsável pela formação das neuroses, porém, segundo Miguelez (2012) a partir da análise das fantasias que eram apresentadas por seus pacientes na clínica, essa visão sofreria alterações. Diante alguns casos de pacientes que sonhavam ser espancados por adultos, Freud pôde perceber que se tratava de uma fantasia por parte delas de se ver numa posição passiva diante de um progenitor. Sendo assim, conclui que a perversão não se trata de algo exclusivo da sexualidade infantil, mas que é também uma saída possível do Complexo de Édipo.

Com a produção do trabalho *"O ego e o id"*, (1923/1996) um importante conceito foi elaborado e permitiu uma importante complementação da teoria edipiana: o superego. Como já havia sido exposto, ocorre uma identificação por parte da criança com um dos seus progenitores e o outro é determinado como objeto de desejos sexuais. Conforme tais desejos vão se intensificando, a criança nota que o primeiro progenitor – aquele com quem a criança se identifica – se coloca como um obstáculo para a realização de tais desejos.

Desse modo, a criança renuncia seus desejos sexuais por tal objeto – um dos progenitores – e, como foi trabalhado em *"Luto e Melancolia"*, a libido que era investida no objeto passa a ter

[8] Apesar de reforçar a ideia de um Édipo heterossexual, Freud fala de um Édipo "negativo" e homossexual e trabalha o assunto em algumas obras como, por exemplo, "Homem dos Lobos, ou "Um caso de paranoia contrário à teoria psicanalítica".

outro destino. Freud descreve dois possíveis destinos devido à impossibilidade desse investimento libidinal: no primeiro, haverá uma identificação com o objeto perdido e, por isso, ocorrerá o retorno da libido investida ao ego do sujeito e se colocará, assim, numa posição masculina (caso o objeto seja o pai) ou feminina (caso o objeto seja a mãe). No segundo destino possível a libido ligada aos desejos sexuais pelo objeto (um dos progenitores) reforçará a identificação existente entre a criança e o outro progenitor. Freud (1923/1996) dá o exemplo do menino que se identifica com o pai e coloca a mãe na posição de um objeto sob o qual ele apresentará desejos sexuais. Com a impossibilidade de realizar tais desejos devido à existência de um obstáculo – o pai – ele poderá se identificar com a mãe, vindo a se tornar homossexual, ou direcionará a libido direcionada à mãe à identificação com o pai, intensificando-a e determinando assim sua heterossexualidade.

Para explicar esses dois possíveis caminhos a serem seguidos a partir da impossibilidade de realizar os desejos sexuais por um dos progenitores, Freud (apud MIGUELEZ, 2012, p. 83-84), retomará a hipótese da bissexualidade do ser humano onde o processo de identificação e de determinação de um objeto sexual é duplo.[9]

> Retomando o tema da bissexualidade, Freud considera que ela determina que não se possa considerar simplesmente um complexo de Édipo positivo; existem dois complexos simultâneos no sujeito. Um é positivo, e o outro, negativo ou invertido. Assim, num momento inicial, o menino estará identificado com o pai e efetivará uma escolha de objeto mãe e, ao mesmo tempo, estará identificado com sua mãe e realizará uma escolha de objeto pai. Freud denomina esse conjunto de "complexo de Édipo completo".

Em ambos os processos de identificação e determinação de um objeto que será desejado sexualmente haverá, por fim, um mesmo desfecho: a instauração do superego no indivíduo. O superego – uma das estruturas psíquicas – carrega importante função na vida do sujeito: será ele o responsável por determinar a moral, a ética, censura, sentimento de culpa; será o superego o responsável por barrar determinadas condutas do indivíduo à fim de inseri-lo socialmente na cultura em que vive.

Importante perceber que decorrer do desenvolvimento da teoria sobre o Complexo de Édipo, Freud ressalta que as relações que são estabelecidas com a criança partem do envolvimento entre o filho e os progenitores: pai e mãe. Podemos entender que o contexto sócio

[9] Freud chama esse processo de "Complexo de Édipo completo"

histórico do período em que Freud desenvolveu sua teoria sobre o Complexo de Édipo era marcado pela estrutura familiar "tradicional", sendo assim, os primeiros contatos da criança seriam com a mãe e o pai. Além dessa organização familiar típica do contexto de desenvolvimento do complexo edipiano, devemos considerar os papeis sociais e familiares que eram designados ao homem e à mulher dentro da sociedade, estabelecendo "funções" específicas para cada um.

2.2 Romances Familiares

Os pais exercem importantes funções no processo de estruturação e organização psíquica do sujeito proporcionando a construção de relações entre a criança e os pais que serão, no decorrer do desenvolvimento do sujeito, utilizadas como referências para as suas futuras relações. Seja na escolha objetal – remontando sua escolha objetal primária – ou pela determinação superegoica – determinando como o sujeito deverá ser, o que poderá ou não fazer – o sujeito se utilizará das funções exercidas por seus pais na relação que foi estabelecida entre o casal parental: *"Os pais constituem para a criança pequena a autoridade única e a fonte de todos os conhecimentos. O desejo mais intenso e mais importante da criança nesses primeiros anos é igualar-se aos pais ... e ser grande como seu pai e sua mãe."* (FREUD, 1909/1996, p. 219).

Com o seu desenvolvimento, a criança passa a dispor das descobertas do "mundo externo" para fazer comparações com seus pais que, até então, eram vistos como grandiosos. Os objetivos principais das comparações feitas pela criança entre as qualidades dos pais as outras qualidades existentes no mundo, segundo Freud (1908) são dois: um erótico e um ambicioso. Num primeiro momento, a relação entre a criança e seus pais gira em torno do objetivo ambicioso onde, no decorrer do desenvolvimento da criança, ela se depara com outros pais que apresentam características diferentes dos seus. A partir desse ponto, o sujeito passa a disponibilizar de material para criticar seus próprios pais e fantasiar situações nas quais *"[...] seus pais são substituídos por outros de melhor linhagem."* (FREUD, 1908/1996, p. 220).

Num outo momento, após o amadurecimento necessário do sujeito e conhecimento acerca dos processos e funções sexuais exercidas por seus progenitores, a criança enaltece seu pai e fantasia sua mãe (o objeto de curiosidade sexual) em situações de infidelidade ou de casos

amorosos, revelando o caráter erótico das comparações feitas com os pais. Nessas fantasias de situações de infidelidade por parte da mãe, por exemplo, a criança atribui a quantidade de casos amorosos vividos pela mãe à quantidade de "competidores" que ela tem para conseguir tomar posse de sua mãe.

Importante ressaltar que, ao substituir os pais por outros de qualidades "superiores" não significa descaso por parte da criança em relação aos seus pais; a substituição é um forma da criança remontar o período em que seu *"[...] pai lhe parecia o mais nobre e o mais forte dos homens, e a mãe a mais linda e amável das mulheres."* (FREUD, 1908/1996, p. 221). Assim, a referência das relações que a criança disponibiliza parte da identificação que ela tem dos sentimentos atribuídos à sua mãe e à seu pai.

2.3 Complexo de Édipo na Psicanálise Pós Freudiana

Ao se pensar o Complexo de Édipo, precisamos entender as relações que vem a ser estabelecidas entre os membros que compõem essa importante fase na estruturação psíquica do sujeito. Segundo Freud (1923) criança determinará um dos progenitores como sendo seu objeto sexual e que direcionará desejos incestuosos à ele e o outro como sendo um "objeto de identificação". No decorrer do desenvolvimento infantil, o progenitor que apresenta na relação edípica como o objeto de identificação vem se presentificando como um obstáculo entre a criança e o progenitor determinado como objeto sexual.

Ao criar da psicanálise, Freud exemplifica ainda que o objeto que será determinado como o objeto sexual seria a mãe e o progenitor com o qual ocorrerá a identificação seria o pai. Psicanalistas pós-freudianos, ao abordarem questões sobre o desenvolvimento humano e os processos de estruturação psíquica indicam, entre outros conceitos fundamentais da psicanálise, a releitura do Complexo de Édipo. O contexto sócio histórico no qual os psicanalistas pós-freudianos viveram e desenvolveram seu modo de estudar e praticar a psicanálise, influenciaram as bases sob os quais novas teorias foram moldadas numa dada realidade mais contemporânea à nossa.

Entre esses psicanalistas, as releituras da psicanálise freudiana de autores como Winnicott e Lacan serão destacadas nesse estudo, considerando o contexto histórico da década de 50: ponto de partida para o desenvolvimento das respectivas obras, como o que mais se aproxima do nosso

cenário social se comparado ao de Freud no século XIX. Assim, no decorrer da análise do modo de pensar dos psicanalistas pós-freudianos, veremos as atualizações feitas por eles nas construções que Freud faz sobre as relações estabelecidas entre a criança e os pais. Entretanto, as relações estabelecidas na trama edípica que a criança vivenciará não se dá, necessariamente, entre a criança, o pai e a mãe, mas sim a partir das funções que cada componente da triangulação edipiana exercerá.

2.3.1 Relações parentais em Winnicott

A criança, desde seu nascimento, depende dessas relações que ela vem a estabelecer no decorrer do seu desenvolvimento pois, segundo Winnicott, *"[...] não há como descrever um bebê, ou uma criança pequena, sem que se inclua, na descrição, os cuidados que ela está recebendo."* (Winnicott apud DIAS, 2003, p. 129-130). Devido à fragilidade do bebê, sua incapacidade de sobreviver autonomamente, a criança se encontra, nessa fase da vida, num estado de dependência absoluta e precisa contar com a relação estabelecida com a mãe para poder "ser" pois, a partir dessa relação será possível a criança construir seu contato com o "mundo externo".

Importante ressaltar, que essa relação inicial que possibilita a construção do contato entre o bebê e o mundo externo e com a realidade externa em que está inserido, não será estabelecida de modo único e exclusivo com a mãe progenitora. O termo "mãe" deve ser entendido como alguém que proverá as condições ambientais necessárias e cuidados suficientemente bons para que a criança possa passar por esse processo de forma efetiva; ambiente que será nomeado de "*ambiente suficientemente bom"* (WINNICOTT, 1965/2005).

A presença desse ambiente suficientemente bom e mediante a apresentação das condições necessárias – ou como Winnicott (1965/2005) nomeia, mãe suficientemente boa – a criança poderá iniciar seu processo de desenvolvimento pessoal e real. Esse ambiente deve sustentar as necessidades que a criança apresenta no período inicial de sua vida e atende à sua dependência; deve reconhecer e atender suas necessidades e atender a elas. A pessoa responsável por assumir essa "função materna" – ser o ambiente suficientemente bom – ainda não é um objeto; devido à imaturidade da criança de perceber ou desejar objetos, é como se a mãe fosse parte da criança e o que afeta a criança é o cuidado provido: "*nesta situação não há a questão de satisfazer ou*

frustrar os impulsos do id. Há coisas mais importantes acontecendo, e estas são prover apoio aos processos do ego." (DIAS, 2003, p. 134).

A noção da realidade de si e a realidade do mundo não estão presentes na criança no início de sua vida e é a partir dessa relação com a mãe – com o ambiente suficientemente bom – que possibilita que a criança passe por esse processo de amadurecimento e consiga constituir seu ego. À medida que o bebê se desenvolve, a mãe, adaptada às necessidades e às dependências da criança, passa por um processo de "desadaptação" e deixa de atender de modo absoluto às dependências de seu filho. Esse processo de desadaptação é necessário para que a criança possa amadurecer e desenvolver sua independência devido as faltas que a mãe passará a apresentar.

Winnicott aponta também para a importância da presença do pai no processo de desenvolvimento da criança no que diz respeito ao apoio e cuidado que ele dá à quem exerce a função materna para o bebê. Desse modo, a "mãe" pode sentir-se bem e, desse modo, capaz de exercer com eficiência a função de prover as necessidades e dependências que o bebê apresenta. Esse apoio dado à mãe é benéfico para a criança pois o ambiente e a estabilidade criada entre os pais[10] sensibilizam a criança, mesmo que ela ainda não os identifique separados dela ou entre si.

Além do apoio dado a mãe possibilitando que ela exerça sua função com eficiência, Dias (2003) fala que o pai, na relação com a criança, atua reforçando os cuidados que a mãe provê à criança e se presentifica como *"o primeiro vislumbre de inteireza e totalidade pessoal"* (DIAS, 2003, p. 140) e, com isso, serve de padrão para a integração da criança. A firmeza e a capacidade de impor limites que a presença do pai impõe ajuda à desenvolver na criança a capacidade de assumir suas responsabilidades e a apropriar-se de seus impulsos.

2.3.2 Relações parentais em Lacan

Lacan (1958), sobre a relação entre a mãe e a criança, diz ser a primeira relação de realidade a partir do seu contato com o "meio vivo" experimentado através da sua relação com a mãe – ou, como Winnicott chamou, ambiente suficientemente bom. Esse contanto com o "meio vivo" vivenciado a partir da relação com a mãe vem a ser seu primeiro contato com o Outro em que a criança a constitui como sujeito. O sujeito constitui-se, desse modo, a partir dos

[10] O termo "pais" não diz dos progenitores em si, mas a aqueles que exercem os papeis citados.

significantes simbolizados por meio da fala da mãe ou, como Lacan chama, "*[...] a lei da mãe".* (1958/1999, p. 195).

Nessa relação estabelecida entre a mãe e a criança, simboliza-se para criança a *"[...] apetência de seu desejo."* (LACAN, 1958/1999, p. 188), ou seja, o desejo da criança dentro dessa relação é ser o que a mãe deseja para que, nesse sentido, ela consiga satisfazer o desejo da mãe. Momento esse do Complexo de Édipo onde a criança se identifica com o "falo", ou seja, aquilo que a mãe deseja. Essa mãe, entretanto, não se presentifica a todo momento na vida da criança: ela é uma mãe que hora está presente e que hora está ausente, uma mãe que vai e vem. Esses momentos de ausência da mãe quando ela se coloca ausente em relação à criança, despertam na criança a dúvida sobre ser ou não aquilo que a mãe deseja. Desse modo, nota-se a existência de "algo a mais", um objeto que vem a se colocar presente como sendo o objeto de desejo da mãe. Se presentifica, assim, o terceiro componente que é essencial para que o Complexo de Édipo se dê de forma efetiva: o pai.

Assim como Freud discute dentro de sua teoria sobre o Complexo de Édipo, Lacan (1958/1999) reforça a importância do pai na participação dessa trama afirmando que *"O pai intervém em diversos planos. Antes de mais nada, interdita a mãe"* (LACAN, 1958/1999, p. 174). A relação previamente estabelecida entre criança e a mãe – quem exercer, dentro da relação edípica, a função materna – e o sentimento de posse do filho sobre a mãe é interditado pelo pai que frustra o filho da posse da mãe. O pai, ao "interditar" a mãe, se faz preferível à mãe; ele possui o que a mãe e deseja e, por isso, possui a "posse" da mãe e, com isso, leva à formação do ideal do eu.

É importante destacar que ao se falar da presença de um pai não se trata, necessariamente, do progenitor do sexo masculino; não se trata de fato da necessidade da presença de um homem para que o Complexo de Édipo possa ser estruturado e vivenciado pelo sujeito. Importante pontuar que falar de um pai, na releitura lacaniana da relação edípica, significa falar de uma função; significa abordar uma posição que será assumida dentro da triangulação edípica e que exerce uma tarefa específica. Lacan (1958) defende essa a ideia de que o "pai" que assume tal função dentro do Édipo não condiz, necessariamente, com o responsável pela procriação, mas sim, quem vem a exercer o que ele chama de "função paterna".

Como Lacan (1958/1999) coloca em sua obra, o pai que virá a exercer a função paterna – a função de interditar a posse da mãe – não se apresenta como um objeto real. Pode acontecer de

coincidir que essa função paterna virá a ser exercida mediante a presença do progenitor da criança, do pai biológico, porém, não é o determinante para que tal função ocorra. A função paterna vem a ser exercida por um pai metafórico: aparece no Complexo de Édipo como um pai simbólico que, dentro do trama edípico, se apresenta como aquele que detém o "falo". Esse pai simbólico ocupa no Complexo de Édipo uma importante posição que Lacan chamará de "Nome-do-Pai".

A posição ocupada pelo Nome-do-Pai da triangulação edípica é responsável por exercer a proibição do incesto se presentificando como obstáculo entre o filho e a mãe, impedindo que a criança tome posse dela. À medida que a criança percebe o direcionamento da demanda da mãe se passando por um Outro (o Nome-do-Pai), ela já não se percebe como detentora do objeto de desejo da mãe "falo" e sim o Outro. A confirmação de que esse Outro detém o objeto de desejo da mãe produz um efeito de a lei que era transmitida à criança através da mãe passe a pertencer ao pai (simbólico). Desse modo, a intervenção do pai, ou Nome-do-Pai como detentor do falo resulta na identificação por parte da criança com o "ideal do eu", onde a figura desse pai é internalizada. Sendo assim, ocorre o declínio do Édipo.

Com os conceitos apresentados pelos psicanalistas pós freudianos e a partir das suas análises sobre como se dão as relações entre a criança e os pais, podemos entender de modo mais aprofundado as funções que as relações exercem e quais as consequências de tais funções do decorrer da estruturação do Complexo de Édipo. Desse modo, esse modo de pensar as funções exercidas pela mãe e pelo pai – no modo de pensar freudiano – podem ser entendidas e aplicadas nas organizações familiares que contemplam o contexto em que vivemos.

2.4 Complexo de Édipo nas famílias contemporâneas

O Complexo de Édipo freudiano, desenvolvido no século XIX, aborda a relação que se constrói entre os pais e seus filhos e destaca quais as suas contribuições para a estruturação psíquica dos indivíduos. No contexto em que a teoria edipiana foi construída, os moldes familiares seguiam a organização tradicional da época que se resumia na composição familiar: o pai, a mãe e o filho. Além da composição específica das famílias do século XIX, os valores sociais e culturais que determinavam os papeis de cada um dentro da família eram específicos: o

pai era o “chefe” da família e era responsável pela sustentação da casa, enquanto à mãe, eram destinadas as tarefas domésticas e o cuidado da criança.

Entendendo a organização nuclear das famílias que compuseram o retrato do século XIX, além dos valores culturais com papeis sociais – e familiares – específicos, podemos entender o porquê Freud determinou as funções citadas a cada componente da família no desenvolvimento da teoria edipiana. A mãe, responsável pelas tarefas domésticas e pelo cuidado dos filhos, matinha um contato mais próximo dos filhos enquanto o pai, no contexto de uma cultura patriarcal, era o “chefe”.

Do século XIX até os anos atuais, diversas mudanças aconteceram nos valores culturais e sociais das sociedades; dentre elas os modos de organizações familiares, tanto no sentido dos componentes que fazem parte de uma família quanto no sentido funcional – papel que cada um exerce dentro da família. Com o crescente número de casais se separando, compartilhando a guarda dos filhos, além do envolvimento dos pais com outras conjugues possibilitam a estruturação de uma organização familiar diferente da família tradicional do século XIX. Podemos apontar também para novos rearranjos familiares que se deram a partir de tal data como, por exemplo, o crescente número de casais homoafetivos além da gradativa conquista que eles têm obtido do direito a adoção de filhos ou filhas.

Além das modificações que se deram no decorrer dos anos posteriores ao século XIX, é importante apontar para algumas mudanças que se deram no que diz respeito aos valores sociais; em específico na questão sobre gênero. Tem-se visto uma crescente onda de luta pelos direitos das mulheres, em especial nos últimos anos, onde a busca pela igualdade entre os gêneros trouxe mudanças nos valores que as mulheres carregam dentro de uma sociedade.

Diferente do século XIX, já não se tem a imagem da mulher “do lar” responsável apenas pelas tarefas domésticas e pelo cuidado dos filhos; hoje, devido à inserção da mulher no mercado de trabalho, se tem vários casos de lares sendo sustentados por mulheres trabalhadoras que ocupam cargos em empresas que antes eram ocupados apenas por homem. Do mesmo modo, é crescente o número de lares em que o homem já não é o patriarca; não ocupa cargos trabalhistas superiores ou é o único provedor financeiro, e sim, é o responsável pelas tarefas domésticas e pelos cuidados dos filhos.

Diante dessas diversas modificações, as configurações familiares se apresentam de forma diferente dos moldes tradicionais da família do século XIX, tanto na sua composição quando nos

papeis exercidos por cada integrante. Como podemos ver, já não devemos considerar como família apenas o complexo nuclear composto por “mãe, pai e filho” onde o pai sustenta o lar e a mãe cuida dos filhos, e sim uma rede de várias possibilidades de composições e funções onde existe uma relação entre cada componente desse novo complexo familiar.

A partir dos psicanalistas pós freudianos, podemos entender de que modo as relações entre os componentes das famílias que apresentam novos modos de se organizar vão contribuir para a estruturação do complexo edípico a para a estruturação psíquica do sujeito. Dentro desse contexto a criança estabelecerá uma primeira relação com algum dos componentes dessa família, seja esse componente o pai, a mãe, uma tia, tio, avó, avô etc. O importante, dessa primeira relação estabelecida é, segundo Winnicott, que esse componente seja capaz de se posicionar dentro dessa relação atuando como a “função materna”, ou seja, ser o ambiente suficientemente bom para a criança.

Esse ambiente facilitador deverá suprir as necessidades da criança e atender às dependências que o ser, nos seus primeiros anos de infância, apresenta. Conforme a criança se desenvolva e amadureça, tanto biologicamente quanto psicologicamente, sua dependência do cuidado desse ambiente diminui e, desse modo, a criança passa a se integrar como ser. Ao se integrar como ser, a criança estará agora capacitada de perceber a presença do outro, de reconhecer os objetos e de desejar.

Conforme a noção da realidade de si e do mundo já está presente no sujeito devido o contato, segundo Lacan (1958/1999), com o “meio vivo” por meio da relação com a mãe, a criança estabelece seu primeiro contanto com o Outro. Contato esse que é constituinte para o sujeito pois, esse contato, resulta na simbolização dos significantes disponibilizados pela mãe. Entende-se que, após o sujeito se constituir, ele se torne capaz de desejar e, nesse contexto, passa a desejar ser o desejo da mãe e conseguir satisfazer tal desejo.

No decorrer do desenvolvimento da criança e da sua autonomia a mãe, antes adaptada às necessidades e às dependências do bebê, passa pelo processo de desadaptação, segundo Winnicott, onde passa a não se presentificar com a mesma intensidade de frequência de antes. A desadaptação é marcada pelas ausências da mãe; pela independência que vai sendo adquirida pelo sujeito, a mãe não se coloca disponível na mesma frequência para atender às necessidades da criança e, com isso, ora ela vai, ora ela vem, ora está presente, ora ausente.

Conforme os momentos em que a mãe está ausente passam a ser notados pela criança, surge então a dúvida: “será que sou o que minha mãe deseja?”. A partir elaboração dessa dúvida começa a ser notado a presença do terceiro ponto da triangulação edípica, o Nome-do-Pai. Esse ponto poderá ser ocupado, assim como a função materna, por algum componente da família, seja a mãe, o avô, a tia ou, até mesmo o próprio pai. O importante a ser exercido pelo componente que ocupará o terceiro ponto da triangulação edípica é assumir o papel de interdição da mãe, ou melhor, de quem ocupa a função materna.

A posição do Nome-do-Pai, atuando como um obstáculo entre a criança e a mãe e impossibilitando que o sujeito tome posse dela, marca sua presença se apresentando como o alvo da demanda da mãe, ou seja, o Nome-do-Pai é aquele que possui o que a mãe deseja; ele possui o falo. Desse modo, reconhecendo que o pai é, de fato, aquele que possui o falo, a criança internaliza sua imagem e passa a identificar-se com ele, sendo estabelecido assim o ideal do eu. O estabelecimento do ideal do eu na criança marca a saída do Complexo de Édipo e marca o “padrão” a ser seguido por ela; sendo determinadas as condutas sociais e morais que devem ser seguidos.

Segundo Souza (1999), além da estruturação do superego, a posição do Nome-do-Pai contribui para a constituição do sujeito possibilitando que, a partir da inscrição da lei, o sujeito se posicione como um sujeito desejante:

> O pai, com sua lei, interdita, separa, veta o gozo absoluto, impossibilita a plenitude, ao tempo em que a lei liga o sujeito à vida, no que a vida do ser falante é sujeição à Lei. E, ao submetê-lo à lei e ao limite, propicia o gozo fálico e cria o desejo, esse movimento interessante que não para de insistir na busca fascinante e temível de uma completude impossível.

Não se tratando de algo que é exercido, necessariamente, pelo pai e pela mãe, as duas funções presentes da estruturação do Complexo de Édipo, função materna (ou ambiente suficientemente bom) e função paterna (ou Nome-do-Pai) podem ser consideradas, desse modo, passíveis de se presentificarem nas relações que a criança estabelecerá independente do molde familiar em que está inserida. O que deve ser considerado, ao se pensar a estruturação da trama edípica, é a capacidade dos componentes da família em que o sujeito está inserido – ou de qualquer outro arranjo afetivo de cuidado que cumpra esse papel – de exercer tais funções com efetividade.

Capítulo 03
Famílias Contemporâneas

3.1 Contribuições para novas organizações familiares

A necessidade de se repensar a estruturação do Complexo de Édipo e a adaptação dos conceitos teóricos ao atual contexto dos dias atuais estão diretamente associadas às mudanças sociais que influenciam cotidianamente as relações humanas. Seja nas organizações que se dão entre os componentes de uma relação ou mesmo no modo de se implicar nessas relações, as mudanças marcam o contexto da nossa sociedade atual.

Diferente da família tradicional do século XIX onde, *"[...] o pai tinha todo o poder sobre os filhos, como o senhor sobre os seus escravos [...]"* (FLANDRIN apud PONCIANO; FEREZ-CARNEIRO, 2003, p. 60), Ponciano e Ferez-Carneiro (2003) afirmam que a igualdade entre os conjugues passou a ser difundida. A autoridade patriarcal – valor que fundamentava as normas sociais e culturais e que era mais pacificamente aceita até o final do século XX – começou a ser questionada e criticada, sendo sugerido um modo mais igualitário de se pensar as relações pessoais.

Além das mudanças na organização funcional de uma família, onde os papeis e valores exercidos por cada membro dela perde o caráter patriarcal e uma maior igualdade começa a ser difundida, houve mudança na organização estrutural das famílias onde o que se vê é a mudança na composição do ambiente familiar. A crescente discussão acerca da adoção de crianças e adolescente por casais do mesmo sexo mobiliza a discussão acerca da conceituação de "família"; historicamente definida como a união entre um homem e uma mulher e seus filhos.

Devido aos fatores que compuseram e caracterizaram a passagem do século XX para o século XIX – a decadência do patriarcado, as lutas feministas e novas composições familiares – a família tradicional nucelar passou a modificar-se e buscar outras referências para se definir o que é família, segundo Lasch (apud BRUSCHINI, 1991, p. 130). Desse modo, a família que vem a se organizar no século XXI *"[...] baseiam-se na intimidade, na comunicação livre e aberta, pautando-se no diálogo e democracia."* (PONCIANO; FEREZ-CARNEIRO, 2003, p. 62-63) e, além disso:

> *[...] a diversidade estendeu-se ao casal, aos pais e filhos, aos parentes e amigos, gerando uma multiplicação de novas relações [...] surge a imprevisibilidade; surgem inúmeras configurações familiares, ou pelo menos elas têm a liberdade de se tornarem mais visíveis do que antes.*

Entendemos, desse modo, que as modificações que se deram nos valores sociais e culturais contribuíram para que os modos de se organizar das famílias também sofressem alterações, tanto em sua composição quanto nos papeis exercidos por cada membro. Assim, podemos tentar identificar de que modo as novas configurações familiares abordam a trama edípica.

3.2 Vinheta clínica

Do estágio realizado no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal Fluminense-Campus Rio das Ostras (SPA/UFF/CURO), extraímos alguns ensinamentos da clínica sobre o tema dessa monografia. Trata-se de uma adolescente de 13 anos[11], a qual será nomeada de Joaquina, adotada por uma mulher que chamaremos de Vitória que morava com sua esposa, a qual chamaremos de Helena. Na relação que Joaquina passa a estabelecer com Vitória e Helena, configura-se certa montagem da trama edípica onde posições especificas passam a ser 'adotadas' pelas mães de Joaquina.

Foi relatado que Joaquina ficou abalada com a revelação de que as duas são um casal logo ao ter sido adotada por Vitória e Helena: Joaquina se refere à Vitória como "mãe" e à Helena como "madrinha". Chegou ao serviço a pedido da mãe que se queixava que Joaquina inventava muitas histórias imaginativas que se intensificavam e que mentia com muita facilidade, além de encontrar objetos de outras crianças da escola em sua mochila. Além disso, Joaquina escreveu num questionário da escola, que mora com a mãe, os irmãos e o pai, o que fez com que Vitória buscasse o serviço para sua filha.

Nos primeiros atendimentos, o contato com a usuária era difícil pois ela não conversava muito; ela não dialogava muito com a estagiária responsável pelo caso. Importante notar que a falta de diálogo que existia entre Vitória e Joaquina aparece no início do tratamento da usuária na

[11] A adolescente vem sendo atendida por uma colega da equipe clínica de estágio, sob supervisão da Profa. Daniela Costa Bursztyn, desde agosto de 2016.

relação transferencial com a estagiária: Joaquina não dialogava muito, respondia pontualmente as perguntas feitas e não falava muito de si.

Conta que vivera no orfanato desde os oito meses de idade e que, antes disso, havia sido deixada sob cuidados de uma senhora mas que, por ter seu cuidado negligenciado, os vizinhos a denunciaram e Joaquina foi levada para um abrigo. Queixava-se que no abrigo não tinha muita comida e, que muitas vezes, 'pegava comida *escondida*' para comer. Relata alguns eventos nos quais apanhou por pedir comida ou por comer alguma comida sem autorização.

Ao ser adotado aos seis anos de idade, Joaquina pergunta se Vitória e Helena são um casal, porém a mãe diz que não. Aos 12 anos de idade, pergunta novamente e, dessa vez, a mãe confirma. Dizia que sua mãe e sua madrinha dormem em quartos separados, apesar de os dois quartos possuírem uma cama de casal. Entende-se que não estava muito claro a relação existente entre a mãe e a madrinha; apesar de serem um casal, dormem em quartos separados. Segundo a paciente, elas começaram a dormir em quartos separados após "uma briga sobre um guarda roupa" (SIC). Nesse caso, reconhece-se certo tabu sobre a sexualidade, tanto a partir da fala da mãe quanto da paciente: a mãe, apesar de "ser bem resolvida em relação à sua sexualidade" (SIC), não revela para a filha sobre relação com Helena. Joaquina diz que, mesmo não tendo nenhum namorado, acredita não poder falar com Vitória sobre namorados pois sua mãe "brigaria muito" (SIC).

A paciente, no decorrer dos atendimentos, diz que não se envolve muito com as pessoas do colégio mas que gostaria de sair com alguns amigos, porém sua mãe (Vitória) não permite, o que causa muitas brigas entre as duas. Durante alguns atendimentos, foi relatado que Joaquina era impedida por Vitória de dormir na casa de amigos ou de sair com eles, causando falta de diálogo e maior afastamento entre as duas pelo ressentimento da filha.

Joaquina fala de sua dificuldade de falar com Vitória e que isso se dá, em grande parte, pela falta de espaço para fazer as coisas sozinhas. A adolescente afirma que gostaria de fazer aula de violão, por exemplo, porém sua dificuldade em falar com sua mãe não permite que a conversa sobre essa possibilidade ocorra. Diz também que a mãe não reconheceu o esforço que ela teve ao estudar para a prova de matemática e conseguir tirar uma nota que, para Joaquina, era boa, uma vez que ela tirava notas piores.

Após se apropriar de vários exemplos sobre a dificuldade em conversar com a mãe e expressar suas vontades, Joaquina retorna ao atendimento exibindo em suas mãos a satisfação de

ter conseguido pedir à Vitória para usar unhas postiças. Nesse momento, a adolescente começou a trazer para os atendimentos o incômodo que sente em relação ao seu corpo, afirmando que "queria emagrecer" (SIC) como ponto de partida para tratar do tema da sexualidade nas sessões.

Com efeito, a mãe comenta que começou a mudar algumas atitudes com Joaquina: ofereceu mais espaço para que a filha fizesse coisas sozinha, apesar de ter medo de que as atividades combinadas fossem esquecidas. Relata também que, em algumas situações, Joaquina "se esquecia de fazer as coisas" (SIC), por isso tinha medo e resistência em permitir que sua filha fizesse as coisas sozinha. Diz também que não gosta que a filha minta sobre 'pegar comida escondida' pois a mesma não precisava pegar comida escondida ou mentir sobre ter pegado para comê-la.

Joaquina relata que, por ter tirado notas vermelhas em seu boletim, estava de castigo e não poderia jogar "mini-mundo" ou "clube cooee"; entretanto, ela jogava *escondida* algumas vezes. Diz que, nesses jogos, ela tem sua família (um pai, uma mãe e seus irmãos) e que tem um namorado também, que gosta dele e que sente saudades. Diz que sua irmã (sobrinha de Helena) tem um namorado, e que no início, a mãe não a deixava namorar. Após insistir muito, acabou conseguindo a permissão de Helena e Vitória. Joaquina diz que, quando tiver um namorado, vai insistir para que a mãe a deixe namorar também.

Importante destacar que essa "omissão" acusada no comportamento de Joaquina por Vitória se passa por um sintoma psíquico causado pela ausência de diálogo entre as ambas, em especial, sobre o tema da sexualidade o qual a paciente não sente liberdade para falar com sua mãe. O significante 'escondido' representa um modo de expressão sintomática da adolescente que revela também a dificuldade da mãe de reconhecer que Joaquina está entrando na adolescência e que já pode estar querendo tratar de temas que sejam comuns à essa fase.

Joaquina relata também que sua "mãe" trabalha na polícia militar e sua "madrinha" (Helena) é massoterapeuta e que acaba se colocando mais presente em casa e, geralmente, é a que faz almoço para Joaquina e seus irmãos. Helena é quem sempre resolve os problemas mais simples da casa e, quando são problemas mais 'complexos' como este, Vitória é a responsável por resolver. Diz que acordou uma noite passando mal e sentido dores e que a madrinha levantou para dar remédio a ela. Diz que, pelo fato da "madrinha" ser mais tranquila, é possível conversar sobre assuntos cotidianos.

Notamos, até o último atendimento, um considerável avanço no caso de Joaquina ao notar que a paciente se apropriou da relação transferencial para falar de si, falar de suas questões, expor suas dúvidas e angústias, até então 'escondidas'. É possível perceber um reposicionamento da paciente se colocando como um sujeito desejante, que já não teme expor o que gostaria de fazer e falar sob ameaça de punição ou até mesmo de desamparo familiar.

Podemos identificar, com esse caso, que a constituição familiar em que a adolescente em questão está inserida – família que ilustra as novas composições familiares da contemporaneidade – não impede que sua estruturação e organização psíquica se desenvolva a partir do seu romance familiar. A adaptação de Joaquina nessa nova família, com novos componentes, com suas rotinas e seus modos particulares de agir, se passa pela remontagem de uma trama edípica onde ocorre uma relação mais "cuidadosa" com Helena e uma relação de interdições e normas com Vitória. Ocorre, entretanto, que a paciente encontra a falta de referência quando se trata do tema da sexualidade, uma vez que ela não tem acesso a esse assunto no romance familiar do casal parental. A própria relação entre Vitória e Joaquina vela o assunto: as duas mães formam um casal, porém, dormem em quantos separados.

A falta de referência sobre assuntos sobre a sexualidade – tratando esse assunto de forma omitida, seja no modo como as mães transparecem sua relação, seja na impossibilidade que Joaquina sente de falar com Vitória sobre o tema – estrutura um sintoma que leva a adolescente ao serviço. A omissão do assunto é reproduzido no comportamento da filha: ela omite que entra em jogos para que, desse modo, consiga encontrar os namorados que procura através de jogos virtuais em que a adolescente e seu par 'namoram em quartos separados' pela tela do computador.

Conclusão

O conceito de Complexo de Édipo, importante e imprescindível na fundamentação das fases do desenvolvimento psíquico, reflete a relação estabelecida entre a criança e seus pais ou àqueles que se responsabilizam pelos cuidados da criança. Entendemos que Freud, ao pensar e desenvolver sua teoria sobre o complexo edípico, se baseou na sociedade em que estava inserido como referência das relações que eram estabelecidas entre a criança e os responsáveis pelos seus cuidados.

No século XIX, a família refletia diretamente os valores que determinavam as normas morais da sociedade com valores patriarcais que defendiam a composição familiar: pai, mãe e filho. Como reflexo dos valores sociais e culturais, a composição familiar, tanto no sentido estrutural quanto no sentido funcional, submete-se à modificações na sua configuração; atualmente marcada por movimentos e papeis sociais como o feminismo, estabelecendo novas relações entre a mulher e o trabalho e as lutas pelo casamento homoafetivo.

Sendo assim, podemos entender a teoria edípica desenvolvida no início do século XIX baseada nos valores sociais e no modo de se relacionar e de se organizar das famílias da época, devendo ser discutida sob novas condições que contemplam os arranjos contemporâneos de famílias. Nesse sentido, propõe-se pensar: *como a teoria edipiana, desenvolvida por Freud, no século XIX, abordaria as relações familiares da contemporaneidade?*

Ao aprofundarmos os estudos sobre a teoria do Complexo de Édipo, entendemos que essa fase do desenvolvimento psicossexual trata da relação estabelecida, num primeiro momento, entre a criança e a mãe e, num segundo momento, marcada pela atuação do pai nessa triangulação. Nessa relação, a mãe é vista pela criança como um objeto de investimento libidinal e o pai presentifica-se ao impedir que a relação incestuosa ocorra.

Os psicanalistas pós-freudianos propõem uma análise mais profundada, e entendemos ser também mais contemporânea, dessa relação que se estabelece entre a criança e seus progenitores, conforme foi proposto por Freud. Winnicott (1965/2005) aborda a função materna indicando o cuidado oferecido à criança como promotor de um ambiente que seja propício para a criança se desenvolver e começar sua interação com o meio externo a ela. Lacan (1958/1999), por sua vez, trata o tema da função paterna abordando a proibição do incesto e do obstáculo que se é colocado

entre a criança e a posse da mãe ao apresentar o falo e ao falar da inscrição da lei que constitui um sujeito desejante.

Os conceitos disponibilizados por esses psicanalistas pós-freudianos nos dão carga para entender como deve ser pensado os romances familiares atuais e de que modo a teoria edipiana passa a ser definida nas famílias contemporâneas. Não apenas pelos novos modos de configuração familiar possíveis, mas também nos papeis que cada componente vem a exercer dentro da família, entendemos que, diferente do que foi proposto no século XIX, o objetivo de investimento não vem a ser (necessariamente) a mãe, mas aquela que atua promovendo o ambiente propício para a criança desenvolver-se, e que a interdição do desejo caprichoso da mãe tomando a criança como seu objeto, não vem a ser exercido (necessariamente) pelo pai, mas por quem se presentifica na relação como detentor do falo: aquilo que a mãe deseja além da criança.

Retomando a vinheta clínica, as novas organizações familiares remontam também as relações edípicas trabalhadas por Freud (1909) no século XIX e de que modo as relações estabelecidas entre os componentes dessa família exercem importantes funções na estruturação e na organização psíquica do sujeito, constantemente às voltas com o impossível da significação sexual.

Podemos concluir, desse modo, que apesar dos valores culturais, sociais e morais terem sofrido diversas modificações desde o século XIX até os dias atuais, afetando diretamente o modo de se organizar das famílias tanto em sua composição quanto na sua funcionalidade, as relações entre a criança e seus familiares - independente da organização familiar - serão estabelecidas e mantidas na perspectiva psicanalítica como elementos fundamentais para apreender os modos singulares de organização da vida psíquica.

A teoria do Complexo de Édipo, pensada num contexto diferente do que vivemos hoje, continua reafirmando a genialidade da descoberta freudiana do inconsciente e da causalidade sexual no funcionamento psíquico – ainda que o laço social e, portanto, familiar se reorganize e se reinvente sob novos arranjos e valores sociais.

Referências

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família.* 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara. 1981.

BRUSCHINI, Maria Cristina. Refúgio num mundo sem coração. A família: um santuário ou instituição sitiada?, In: *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Campinas, v.8, p. 130-133, dezembro de 1991. Disponível em https://www.repeb.org.br/revista/article/view/528/pdf_502. Acesso em 13 de junho, 2017.

DIAS, Elsa Oliveira. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott.* 1 ed. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975).* 2. triagem. São Paulo, SP: Martins Fontes. 2002.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. 3 ed. Rio de Janeiro, RJ: Trarepa Ltda. 2003.

_____. (1979/2004) Nietzsche, a genealogia e a história, In: *Microfísica do poder.* São Paulo, SP: Paz e Terra, 2004.)

FREUD, Sigmund. (1900-1901) A interpretação dos sonhos (Primeira parte – 1900), In: *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v.4. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1901-1905) Um caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos, In: *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud,* v.7. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1906-1908) "Grávida" de Jensen e outros trabalhos, In: *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud,* v.9. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1910) Cinco lições de psicanálise: Leonardo da Vinci e outros trabalhos, In: *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v.11. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1913-1914) Totem e tabu e outros trabalhos, In: *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud,* v.13. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1914-1916) A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos, In: *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v.14. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1923/1925) O ego e o id e outros trabalhos, In: *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v.19. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

_____. (1925-1926) Um estudo autobiográfico (1925[1924]), In: *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 20. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. *O Seminário livro 5: as formações do inconsciente livro*. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1999.

MIGUELEZ, Nora Bratriz Susmanscky. *Complexo de Édipo, Novas Psicopatologias, Novas Mulheres, Novos homens.* São Paulo, SP: Casa do Psicólogo Editora Ltda, 2012.

PONCIANO, Edna Lúcia Tinoco; FEREZ-CARNEIRO, Terezinha. Modelos de família e intervenção terapêutica, In: *Interações*, São Paulo, v.8, p. 57-80, dezembro de 2003. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072003000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 13 de junho, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. *A psicose: um estudo lacaniano.* Rio de Janeiro, RJ: RevinteR, 1999.

VIGANÒ, Carlo. *Novas conferências*. Belo Horizonte, MG: Scriptum, 2010.

ZIMERMAN, David Epelbaum. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica- uma abordagem didática.* Porto Alegre, RS: Artmed, 1999.

WINNICOTT, Donald Woods. *A família e o desenvolvimento individual*. 3 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005.